

AS INTERFACES DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E MUSEAL: ESTRATÉGIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVA PARA O ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS.

Rafael Dias Silva¹

Rosana Auricchio²

RESUMO

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou no mês de agosto de 2022, em Praga, capital da República Checa uma nova definição para os museus. O texto traz importantes alterações devido a inclusão de novos termos e conceitos desafiadores para nossa contemporaneidade como sustentabilidade, comunidade, diversidade e inclusão. Os museus são importantes instrumentos de preservação da memória cultural de um povo. Exerce um papel importante em recuperar, preservar e disseminar a memória coletiva através de seu patrimônio material e imaterial. Além disso, despertam a curiosidade e estimulam debates que promovem a socialização e os princípios da cidadania e inclusão. O objetivo deste artigo é estudar as possíveis interfaces da educação escolar e museal refletindo sobre novas estratégias e práticas pedagógicas para a educação infantil e fundamental anos iniciais e, a potencialidade educacional de forma complementar e suplementar desses espaços. Para isso precisamos refletir sobre a formação inicial e continuada para professores, pedagogos e profissionais da educação; em especial os professores que hoje atuam na educação básica que não tiveram em suas formações iniciais disciplinas relacionadas a inclusão e diversidade. Serão abordados nessa investigação a formação das equipes de profissionais presentes nos núcleos educativos dos museus, a importância da diversidade de competências e habilidades desses educadores e, dos profissionais envolvidos nesses processos. Além de reflexões sobre a produção de novas estratégias e práticas pedagógicas para estudantes da educação infantil e fundamental anos iniciais. São inegáveis as contribuições educacionais dos espaços museais, disponibilizadas através dos mais diversos acervos, sempre associados as intencionalidades curatoriais presentes em múltiplas temáticas, metodologias e tipologias. Para que os conteúdos disponibilizados nos museus possam ter o seu caráter social, educacional, cultural e inclusivos garantidos, deve-se assegurar materiais educativos para todas as fases da educação básica e que sejam adaptados para todos os visitantes, visto que recebemos, públicos diversos.

Palavras-chave: Educação Museal; Práticas Pedagógicas; Educação Infantil; Museu da Língua Portuguesa; Inclusão.

¹ Mestrado em Educação pela Universidade de Paris-Sorbonne. Professor do Centro Universitário de Tecnologia (UniTec) e Membro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) Brasil e França, rafael.dias.silva@alumni.usp.br ;

² Doutoranda no Programa em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestre em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo, Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pelo Centro Universitário Internacional Uninter, Membro do Grupo de Pesquisa Estudos da Linguagem para Ensino do Português (Gelep), Professora do Ensino Superior roauricchio@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) aprovou no mês de agosto de 2022, em Praga, capital da República Checa uma nova definição para os museus.

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento. (ICOM, 2022, p. 3)

O texto traz importantes alterações devido a inclusão de novos termos e conceitos desafiadores para nossa contemporaneidade como sustentabilidade, comunidade, diversidade e inclusão.

Desde a criação do ICOM, em 1946, a definição do conceito de museus vem evoluindo justamente por refletir mudanças sociais. A nova proposta veio substituir a aprovada na Assembleia Geral realizada na cidade de Quioto no Japão em 2019.

Democratizar o acesso aos espaços museais é resultado de reflexões sobre as suas mais diferentes funções associadas a correntes filosóficas onde, a responsabilidade social encontra-se presente nas discussões nos meios acadêmicos, organizações políticas, sociais e culturais dos últimos anos.

Os espaços museais resultam de experiências expográficas e tipologias diversas, considerando que os seus visitantes são formados por grupos escolares, espontâneos e do território que, representam corpos plurais através de um processo contínuo e permanente de transformação. As reflexões sobre a necessidade em promover e desenvolver ações pedagógicas para estudantes da educação infantil e fundamental anos iniciais e que, sejam inclusivas, perpassam sobre tais espaços e corpos estimulando e contribuindo para que sejam democráticos e que as diversidades estejam presentes.

Os museus têm um importante papel no cenário cultural, como espaços de educação não formais contribuindo para o desenvolvimento da sociedade, e por agregar uma função educacional associada a construção do conhecimento.

A perspectiva da Museologia Social vem sendo articulado através de diversos atores em segmentos plurais e,

Importa salientar que não estamos mais tratando de museus e processos museológicos marginais, mas sim de um movimento global de uma museologia com responsabilidade social no qual estão envolvidos museólogos,

comunidades e suas lideranças, agentes que laboram no campo do desenvolvimento local, da educação inclusiva, da investigação científica, militantes e ativistas entre outros. São também processos que ultrapassam os limites disciplinares que deram forma à museologia tradicional e sobretudo normativa, que se manifestava nos museus de tipologia disciplinar como os de arte, de arqueologia, de antropologia, entre outros. (MOUTINHO e PRIMO, 2021, p.17)

A responsabilidade social é resultado de processos executados dentro e fora dos muros dos espaços museais, fruto de experiências e investigações de educadores, orientadores, pesquisadores, gestores e funcionários na tentativa de construir um permanente diálogo entre as propostas e tipologias desenvolvidas com a sociedade civil que possui anseios educacionais, culturais e de lazer.

São inegáveis as contribuições educacionais dos espaços museais, disponibilizadas através dos mais diversos acervos, sempre associados as intencionalidades curatoriais presentes em múltiplas temáticas, metodologias e tipologias. Para que os conteúdos disponibilizados nos museus possam ter o seu caráter social, educacional, cultural e inclusivos garantidos, deve-se assegurar materiais educativos para todas as fases da educação básica e que sejam adaptados para todos os visitantes, visto que recebemos, públicos diversos.

METODOLOGIA

Neste estudo sobre os espaços museais, adotou-se uma abordagem metodológica fundamentada na revisão bibliográfica. O objetivo foi explorar e analisar criticamente a literatura existente sobre práticas pedagógicas inclusivas na gestão de museus, buscando proporcionar uma nova perspectiva cultural. Essa metodologia é crucial para estabelecer uma base teórica robusta, entender as tendências atuais e identificar lacunas no conhecimento existente.

Gil (1987, p. 18) aponta que "assim, uma pesquisa pode levar à descoberta de princípios científicos. Da mesma forma, uma pesquisa pura pode fornecer conhecimentos aplicáveis de imediato". A pesquisa aplicada atendeu a múltiplos aspectos, exigindo uma dimensão ética associada à pesquisa científica, garantindo rigor e gerando impacto por meio da pesquisa qualitativa e exploratória. Foram utilizados diversos procedimentos

metodológicos, como a coleta de dados qualitativos e quantitativos realizada pelo pesquisador nos espaços museais estudados.

Godoy (1995, p. 58) declara que "a pesquisa qualitativa não busca enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem usa instrumental estatístico na análise dos dados; envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos através do contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo". Em relação aos objetivos, esta pesquisa é caracterizada como exploratória, pois facilita ao pesquisador a identificação do problema de pesquisa para a construção de uma hipótese, e também como descritiva, pois busca descrever características de uma população ou fenômenos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Núcleo Educativo

A educação nos espaços museais apresentam características próprias que incluem o desenvolvimento de práticas, estratégias e metodologias baseadas em diferentes experiências curatoriais. Um dos eixos norteadores é o de promover reflexões sobre a memória, patrimônio, diversidades linguística e cultural de vários povos através da materialidade presente em muitos acervos disponíveis ao redor do mundo.

As mediações nos espaços museais trazem uma perspectiva marcada pela difusão do conhecimento, específicos sobre os acervos e instituições até mesmo sobre memória e patrimônio, marcada através do diálogo entre visitantes, com diferentes interesses mediados por educadores que atuam nas instituições museais.

O atendimento educacional realizado nos espaços museais para instituições escolares, ou seja, ensino formal, possuem estruturas e ações diversas, muitas vezes desvinculadas ao que encontramos nas escolas. Uma das razões é que são observados compromissos pedagógicos diferentes. As ações educativas desenvolvidas nos museus permitem a produção e construção de saberes mais interdisciplinares o que, não encontramos com certa frequência nas escolas. Podemos considerar que os museus possuem potencial para provocar diferentes experiências de aprendizado visando ampliar as possibilidades de aproveitamento pedagógico, deste modo propondo, como uma

possibilidade de articular novos saberes e desenvolver outras habilidades fora da sala de aula.

Enquanto pesquisador percebo cada vez a necessidade de se utilizar os espaços museais na construção de conhecimento de forma complementar e suplementar, propondo ações voltadas para a formação de professores, pedagogos(as) e de estudantes, principalmente os que estão no ensino infantil e fundamental nos anos iniciais. Esses estudantes precisam ter acesso a outras narrativas, ou seja, novas formas de observar o mundo, o território que fazem parte, diversidade social e cultural dialogando e debatendo sobre seu cotidiano.

O papel social dos museus perpassa pela cultura marcado por práticas coletivas marcada por intencionalidade na construção do conhecimento característicos aos espaços de educação não formais.

a educação formal, é o sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado. Dá-se nos espaços como a escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional. A segunda categoria, educação não formal, é “qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem. Por último, a categoria educação informal, de acordo com o conceito apresentado é um processo realizado ao longo da vida, onde cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio – na família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa. (MARANDINO, 2008, p.13)

A potencialidade dos museus como espaços também educacionais surge ao reconhecermos a circularidade dos saberes, considerando que os espaços museais possuem uma importante contribuição para a construção do conhecimento, por meio da multiplicidade dos saberes, presentes nos processos sociais, plurais e dialógicos.

A elaboração de novas práticas e estratégias na elaboração de ações educativas museais estão na pauta e discussões dos núcleos educativos em vários museus. Como exemplo, temos o Museu da Língua Portuguesa que de forma pedagógica e acolhedora não mede esforços para que a experiência educativa dos seus visitantes seja múltipla, afetiva e com materiais adaptados e inclusivos, assim como o Museu do Louvre localizado em Paris, Museu Van Gogh localizado em Amsterdã e o Museu do Vaticano localizado em Roma.

A acessibilidade nos espaços museais de forma geral não dependem exclusivamente do empenho individual ou de núcleos específicos, mas de um empenho da gestão institucional e governamental transformadora marcada por um efetivo compromisso na promoção de boas práticas. Os núcleos educativos precisam cumprir suas metas e ações de acordo com as diretrizes das secretarias e órgãos que supervisionam os espaços museais, não deixando que seus compromissos com a excelência sejam perdidos e que as experiências da visita para o público sejam significativas.

b) Práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas são organizadas levando em consideração intencionalidades no fazer pedagógico e, em sua aplicação visando o atendimento às demandas educacionais para que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados. Muito dessas práticas são marcadas por recortes e negociações sociais e políticas educacionais criadas, por exemplo, para que as propostas curriculares baseadas na Base Nacional Comum Curricular sejam aplicadas referindo-se aos espaços formais de educação.

Nas formações continuadas para professores que aplico e coordeno em todo país, é comum o entendimento na esfera conceitual, que os termos como “práticas pedagógicas” e “práticas educativas”, sejam entendidos e correlacionados como sendo sinônimos.

No entanto, ao falarmos de práticas educativas, estamos nos referindo a práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais. Ao nos referirmos às práticas pedagógicas, estamos nos reportando a práticas sociais que se exercem com a finalidade de concretizar processos pedagógicos. Falamos, então, de práticas da Educação e práticas da Pedagogia. (FRANCO, 2001, p.02)

Com isso, por mais que seja comum depararmos com a utilização do termo “práticas educativas” para referenciar as ações realizadas nos espaços museais, considero que são ações planejadas e organizada levando em consideração diversos contextos históricos, culturais e sociais. Esses contextos de alguma forma estão nos corpos de educadores e das pessoas envolvidas nos núcleos educativos, visto que são profissionais com trajetórias múltiplas. Na elaboração e participação das atividades e práticas pedagógicas, manifestam-se vivências singulares que reverberam em transformações

reflexivas em suas práticas com intencionalidades em suas ações, muitas vezes de forma consciente ou inconsciente. Esse é um dos fatores mais contundentes para minha defesa na utilização do termo “práticas pedagógicas” para os espaços museais, por serem práticas sociais.

O planejamento das ações direcionado para estudantes no ensino infantil e fundamental anos iniciais começam a ser uma realidade nos espaços museais. Para as mediações e acolhimentos desses estudantes novas tipologias e práticas vem sendo desenvolvidas. Nas atividades a ludicidade e a criatividade estão presentes em ações práticas, como por exemplo, ações que exploram e desenvolvem habilidades relacionadas a coordenação motora desses estudantes.

Por meio do conceito de circularidade de Martinand, existem idas e vindas da transferência ou transmissão de conhecimento. Em geral, essa transferência ocorre de cima para baixo ou muitas vezes do centro para a periferia, resultado entre duas ou mais fontes produtoras de saber. (SILVA, 2022, p.4)

Para que as ações sejam significativas e eficientes para os visitantes no ensino infantil e fundamental anos iniciais, os núcleos educativos presentes nos espaços museais necessitam introduzir em seus cronogramas e escalas, horários de estudos, formação e preparação junto aos seus educadores para a elaboração dessas atividades. Como sugestão até a introdução nas horas de formação de discussões sobre psicologia da aprendizagem, adaptação e flexibilização de conteúdos e materiais para visitantes com deficiência e a importância dos jogos na aprendizagem.

Muitas vezes não conseguiremos dimensionar as inúmeras possibilidades de aprendizagem possíveis, mas muito provavelmente uma proposta que contemple a jogos, a ludicidade e diversidade poderá representar processos de ensino aprendizagem significativos e inclusivos.

Os horários de estudos e planejamento das atividades são extremamente importantes para que as ações aconteçam. Uma das estratégias e prática que vem ganhando espaço nos núcleos educativos é a elaboração e aplicação de jogos como ferramenta de mediação entre os visitantes e os conteúdos curatoriais.

No processo de aprendizagem o brincar provoca muito benefícios, resgatando o lúdico que contribui para a construção de novos saberes, novas habilidades, socialização e a criatividade.

De forma geral a educação infantil assumiu o papel e o compromisso no desenvolvimento das atividades lúdicas e, um dos pesquisadores que mais contribuíram para essa reflexão foi Jean William Fritz Piaget, um dos mais importantes pensadores do século XX. Em sua pesquisa o conceito de jogo era compreendido como o “brincar” e, divididos em jogos de exercícios, simbólicos e de regras.

Todos os sucessos e fracassos da atividade se registram em uma espécie de escala permanente de valores, os primeiros elevando as pretensões dos sujeitos e os segundos abaixando-os com respeito às ações futuras. Daí resulta um julgamento de si mesmo para o qual o indivíduo é conduzido pouco a pouco e que pode ter grandes repercussões sobre todo o desenvolvimento. (PIAGET, 1999, p.38)

Os espaços museais, como o Museu da Língua Portuguesa disponibilizam jogos desenvolvidos pelos educadores da instituição atendendo aos critérios lúdicos que possibilitam aos visitantes, que participam das ações uma compreensão sobre algum tema relacionado ao acervo, muitas vezes problematizando algumas temáticas através da construção de novas narrativas que potencializa momentos de fruição e de aprendizagens.

De acordo com HUIZINGA, 2012, p.3, o jogo “ultrapassa os limites da atividade puramente física ou biológica. É uma função significativa, isto é, encerra um determinado sentido.”

Quando esses jogos são elaborados, nas etapas de seu desenvolvimento encontramos em seu planejamento, muitos educadores vivenciando momentos de pura abstração, passando posteriormente para a elaboração da materialidade desses jogos, levantando possíveis hipóteses de aplicação, criando roteiros e revisitando quando são necessários ajustes, além da jogabilidade que serão oferecidas. Todas essas etapas, muitas vezes invisíveis mostram o comprometimento desses profissionais com a excelência e para que os processos de aprendizagem sejam experiências significativas através desses objetos e ações propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da história os espaços museais foram sendo institucionalizadas e suas atividades e programas relacionadas à preservação de acervos das mais diferentes

tipologias. Classificar, catalogar e estudar objetos naturais ou culturais eram classicamente atribuições dos espaços museais.

A partir de meados do século XX os museus sofreram uma mudança de atuação. Historicamente associados a concepção de espaços de acumulação de itens agora transformada, como espaços com potencialidade para aprendizagens e lazer cultural.

Os espaços museais representam espaços e possibilidades de turismo, lazer, educação e inclusão social em sua grande maioria localizada nos centros urbanos. Esses espaços de encontros articulam ações culturais e pedagógicas com visitantes espontâneos e agendados, além de promover uma aproximação com os coletivos locais, escolas, profissionais da área da saúde e trabalhadores presentes no território, para que apropriem-se dos espaços museais em seus deslocamentos diários.

As atividades e ações desenvolvidas são elaboradas em sua grande maioria, pelos núcleos educativos formada por profissionais com competências e habilidades diversas. Em grande maioria suas proposições são ações e propostas condizentes com os objetivos pedagógicos e inclusivos institucionais citados ao longo deste texto, além de serem interessantes e inovadoras.

Um aspecto importante é que, faz-se necessário que os colaboradores atuantes nos espaços museais tenham formações continuadas sobre novas estratégias e práticas pedagógicas. A importância desses encontros formativos para que os educadores possam refletir sobre sua prática e, com os estudos teóricos possam desenvolver suas ações, jogos, dinâmicas e performances com o viés pedagógico e com adaptações para estudantes com deficiência quando necessários.

Com base no que foi apresentado, as interfaces da educação escolar e museal precisam ser melhor explorados através de momentos de formações, entre profissionais da educação e museais.

É inegável que os espaços museais possuem grande potencialidade nos processos educacionais configurando em espaços férteis para a construção de conhecimentos de forma complementar ou suplementar na educação formal.

Novas práticas e estratégias pedagógicas são desenvolvidas por núcleos educativos nos museus ao redor do mundo e inúmeros profissionais envolvidos direta ou indiretamente com essas ações. Podemos destacar os educadores nos espaços museais, que realizam diariamente, suas mediações e propostas pedagógicas com excelência,

produzindo encantamentos sobre novos saberes e conteúdos disponíveis nos museus ao redor no mundo.

O cenário atual é que novas práticas e estratégias estão sendo desenvolvidas para estudantes do ensino infantil e fundamental anos iniciais, fazendo com que os espaços museais aproximem-se cada vez mais através de ações pedagógicas, reflexivas e inclusivas.

REFERÊNCIAS

AURICCHIO, Rosana.; SILVA, Rafael Dias. **The Interfaces of Assessment Instruments: New Evaluations Strategies and Practices Adapted for Inclusive Education.** In: 16th annual International Conference of Education, Research and Innovation, 2023, Seville, 2023. p. 4707.

CARR, Wilfred. **Una teoria para la educación: hacia una investigación educativa crítica.** Madrid: Morata, 1996.

FRANCO, M. A. R. S. **A pedagogia como ciência da educação: entre epistemologia e prática.** 2001. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GIL, A. C. (1987). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editora Atlas

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: v.35, n.2, p. 57-63, abril 1995.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Tradução de João Paulo Nogueira. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARANDINO, M. (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco.** São Paulo: Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não-formal e Divulgação em Ciências, 2008.

MARTINAND, A. J. **Entretien d'Evelyne Burguière.** Recherche et Formation. INRP, n. 40, p. 87-94, 2002.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia.** Tradução: Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão.** Revista Nacional de Reabilitação, ano 5, nº 24, jan./fev. 2002a, pp. 6-9.

SILVA, R. D.. **Língua Brasileira de Sinais Libras,** Pearson 2015

SILVA, Rafael Dias. **Criando Estratégias Educativas nos Espaços Museais:** uma prática inclusiva e significativa para visitantes Surdos. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360232291_CRIANDO_ESTRATEGIAS_EDUCATIVAS_NOS_ESPACOS_MUSEAIS_UMA_PRATICA_INCLUSIVA_E_SIGNIFICATIVA_PARA_VISITANTES_SURDOS Acesso em: 03 de maio de 2024.

SILVA, Rafael Dias. **Educação Não Formal:** Representatividade Comunicacional de Sujeitos Surdos Negros e suas Contribuições Políticas. *Revista Internacional Em Língua Portuguesa*, (43), 139–146. <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2023.43/pp.139-146>

SILVA, Rafael Dias. **Libras in Sciences Educational Solutions.** In: XVIII WORLD CONGRESS OF THE WORLD FEDERATION OF THE DEAF, 2019, PARIS. LIBRAS IN SCIENCES EDUCATIONAL SOLUTIONS1. PARIS: World Federation of the Deaf (WFD), 2019. v. 1. p. 214-214.

SOCIOMUSEOLOGIA: PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeED), Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural” Editores: Judite Primo & Mário Moutinho Lisboa 2021

TOJAL, Amanda. **Política de acessibilidade comunicacional em museus:** para quê e para quem?. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília: Universidade de Brasília, v. 4, n. 7, 2015.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.